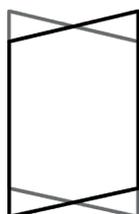
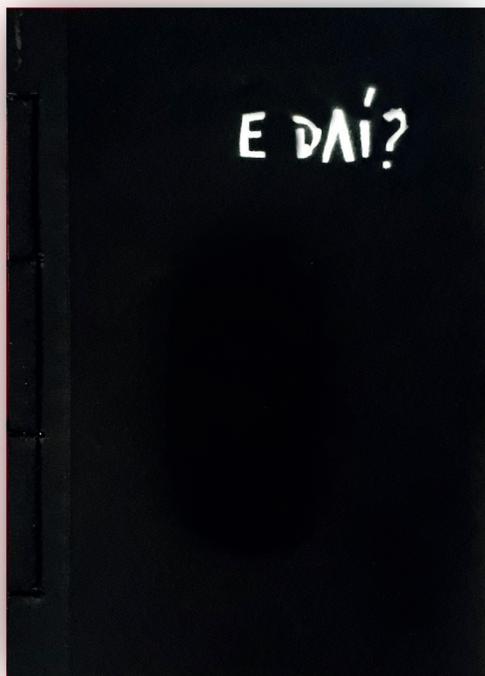


E DAÍ?

quadrinho-objeto: colapso como instauração



E DAÍ?: quadrinho-objeto: colapso como instauração

é parte integrante da tese “Espaço rompido”,
de Guilherme E Silveira

Programa de Arte e Cultura Visual da UFG

Linha: Poéticas artísticas e processos de criação.

Orientador: Prof. Dr. Edgar Silveira Franco

Goiânia

2022

sumário

| | |
|--|----|
| 1. E DAÍ? | 5 |
| 1.1. CADEIRAS E SEDIMENTOS | 5 |
| 1.2. COLAPSO COMO INSTAURAÇÃO | 7 |
| 1.3. O OBJETO: HQ-TÚMULO E O EMBAÇAMENTO DAS FRONTEIRAS | 11 |
| 1.3.1. Quadrinho-objeto e seus múltiplos sentidos. | 16 |
| NOTAS | 20 |
| REFERÊNCIAS | 21 |
| LISTA DE FIGURAS | 22 |





Fig.1: Quadrinhos e livros teóricos sobre quadrinhos abstratos e abstração nos quadrinhos.

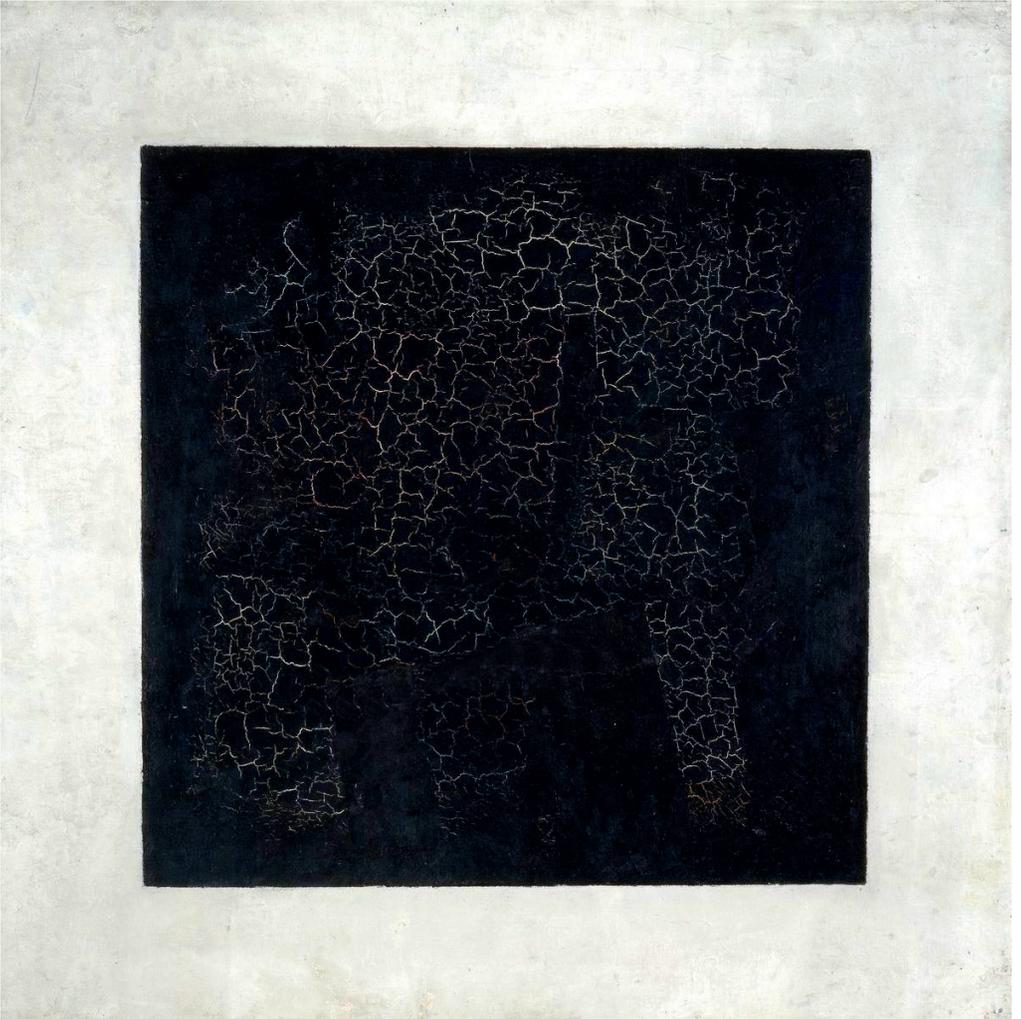
1 - E DAÍ?

“Falarei sobre imagens e calamidade. Em parte porque me surpreendem a pobreza e a morte lenta do planeta”
(Simon Schama)

1.1 – CADEIRAS E SEDIMENTOS

Logo no início do processo de investigação, ainda durante as primeiras disciplinas que cursava no PPGACV da FAV/UFG, em 2018, eu me indagava sobre quais caminhos seguir, sobre como começar e sobre o que era essa abstração que tanto me instigava ao fazer. Como ainda não deixa de ser recorrente em apresentações ou conversas informais em eventos acadêmicos sobre quadrinhos, ora ou outra parece escapar a pergunta: “mas existem quadrinhos abstratos?”. Em consequência eu me perguntava: devo tentar provar que eles existem? A bem da verdade, esse caminho seria um grande empobrecimento da investigação. Afinal, cadeiras existem? O que posso dizer é que ali, disponíveis na nossa sala, existem objetos que usamos para sentar e são chamados de cadeira. Ou a pergunta toma um sentido metafísico, muito amplo, ou ela é apenas empobrecedora. Precisava deslocar a questão para um local problematizador.

Voltando aos quadrinhos, ali, na minha estante encontro livros que fogem aos quadrinhos convencionais, chamados por seus autores e comentadores de quadrinhos abstratos. A discussão de suas implicações pode, e deve, estar aberta, mas sim, os quadrinhos abstratos são possíveis, eles existem (Fig.1). Ainda assim, um dos primeiros trabalhos que me vieram à cabeça foi o de criar uma HQ com quadros pretos do início ao fim. Seria possível pensar em diálogos com trabalhos suprematistas de Malevich (Fig.2), entre outros, mas o desdobramento de ideias que me levou até aquele ponto só me mostrava um trabalho que se dedicava a “provar” aquela pergunta inicial. Muito pouco produtivo. Um decalque da busca modernista do grau zero, busca de um recomeço que no contexto



*Fig.2: "Black Square", 1915.
Kazimir Malevich.*

suprematista rompia territórios endurecidos e criava novas linhas de fuga, mas hoje, nessa ideia, pouco faria para além de uma repetição, afinal estaria ali reduzido a uma função, provar o que já está provado. Em processos criativos a intenção me parece de grande importância, podendo estimular ou desmorrar uma proposta.

Ressalto também que ali compreendi a afirmação de Kastrup, Passos e Escóssia, de que na pesquisa cartográfica colocamos em prática uma investigação em que “a precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse” (2009, p.11), uma vez que os parâmetros têm muito a ver com nossa própria busca. Essas relações me ajudaram a compreender que eu buscava encontrar as potências da abstração nos quadrinhos, enquanto linha de fuga em relação a HQ já organizada, com suas funções determinadas e assentadas. Um processo de busca de estranhamento da linguagem, do gesto, da imagem que transborda quando se põe em diálogo, da construção enquanto ato poético em si, criador de novas conjunções e novos mundos.

1.2 - COLAPSO COMO INSTAURAÇÃO

Essas inquietações iniciais levaram a um mergulho sobre a pesquisa *em arte*, a cartografia e os processos criativos em geral. A leitura foi acompanhada de alguns esboços, buscando um ou outro caminho, outros trabalhos se formaram – quando comecei a trabalhar em “E daí?”, os trabalhos “Este não é um lugar seguro” e “Mínimos detalhes” já estavam prontos – e a pandemia de Covid-19 já havia se tornado uma realidade. Até então, a ideia de produzir uma HQ “suprematista” com quadros pretos havia sido totalmente abandonada, mas a seguir esse projeto ganharia outros contornos possíveis.

No dia 28 de abril de 2020, o Brasil atingia o número assustador de 5083 mortos pela pandemia – hoje, enquanto escrevo essas

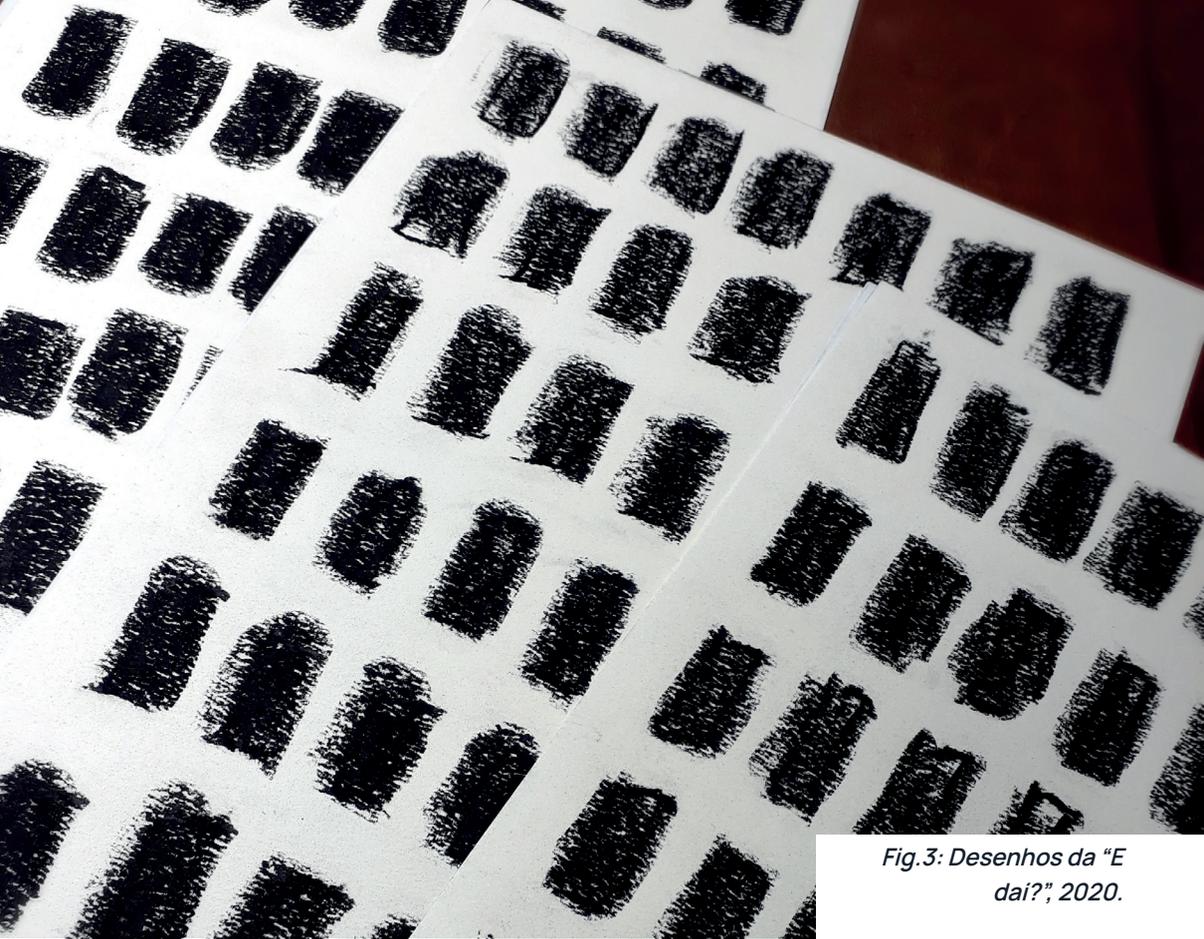


Fig.3: Desenhos da “E dai?”, 2020.



Fig.4: Covas abertas em São Paulo, 2020.

palavras, já atingimos o impensável número de 628 mil mortos. Ao mesmo tempo em que se veiculava a tristeza por ultrapassar 5000 vidas perdidas, também circulava o vídeo absurdo de um presidente da república desdenhando essas mesmas vidas, e das próximas que viriam a ser perdidas. Perguntado sobre esse número, jair dispara irônico: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”¹. A fala é acompanhada de uma expressão de indiferença por parte do presidente e risadas de seus “seguidores”. Como alguém consegue agir de maneira tão abissal ao ver tamanha catástrofe em seu país? Sem possibilidade alguma de verbalizar algo diante dessa situação, apenas comecei a marcar o papel com carvão. “Momentos históricos como esse deveriam ser envoltos pela intensidade do silêncio. E fica a questão se é um tipo de escapismo, uma fuga do problema, ou se é a única resposta possível.” (SCHAMA, 2010, p.151). Considero que as três hipóteses se misturam, pois ao mesmo tempo em que desenhar algo sobre tal situação me ajudou a fugir da angústia do momento, também me pareceu uma das poucas coisas possíveis de expressar sem ultrapassar o limite do que poderia me fazer mal. Há para mim um certo luto naquelas imagens.

Decidi fazer uma publicação que contivesse em si alguma forma de pensamento sobre as mortes e o descaso, dessas reflexões silenciosas por falta de palavras. Com carvão desenhei 5083 marcas (Fig.3), quadros negros, variando em ritmo, acelerando e desacelerando a quantidade das marcas. Essa grade da página não apenas remete à linguagem dos quadrinhos, mas também à nova visualidade da morte que rondava o Brasil (Fig.4). As covas abertas às pressas, esperando as mortes anunciadas por meses foram deslocadas para a minha publicação.

Na produção desse trabalho, lidar com tantas mortes torna-se um fazer pesado. Nesse sentido, continuar e trabalhar na publicação do material era assumi-lo como um material de protesto. Num país que

1 - A notícia pode ser conferida em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/28/sou-messias-mas-nao-faco-milagres-diz-bolsonaro-sobre-recorde-de-mortes.htm>



*Fig.5: "Série Trágica", 1947.
Flávio de Carvalho.*

escancara suas ações de necropolítica (MBEMBE, 2018), o trabalho de exposição simbólica da morte tem a função de luto, mas também de indignação. “Essas atrocidades são para ser vistas, são, na verdade, organizadas como espetáculo.” (SCHAMA, 2010, p.152-153), é o que afirma Simon Schama sobre as atrocidades humanas, em específico às ações de tortura estadunidense no Iraque, descobertas através das fotos que passaram a circular, retiradas pelos próprios soldados torturadores. Fotos que expunham os corpos torturados, humilhados, nus e em posições de submissão. O que Schama argumenta é que em situações de violência expostas como espetáculos, banalizando o ato opressor, a resposta pela arte não reside em um grande significado e discurso construído, mas muitas vezes em pequenos deslocamentos ou paralelos, um tanto de silêncio ou de contemplação, seja da desgraça em si, ou de algo que a margeia.

Essa forma de fazer, de discurso a partir de paralelos e deslocamento é característico da arte contemporânea, assim como o registro de momentos traumáticos, como no conhecido trabalho de Flávio de Carvalho, “Série Trágica”, de 1947 (Fig.5), em que o artista faz nove desenhos dos últimos momentos de sua mãe. “E dai?” é um trabalho em que busco expor, mas também me despedir, que atrela um contexto brasileiro, pondo em diálogo as suas novas visualidades – necrovisualidades –, com os discursos que escancaram o descaso com o outro, com a diferença, com a vida.

1.3 – O OBJETO: HQ-TÚMULO E O EMBAÇAMENTO DAS FRONTEIRAS²

Ao terminar de desenhar os 5083 espaços, tive de resolver o trabalho de edição. Sem inicialmente pensar muito nas categorias em que ele se enquadraria ou não, busquei o que o material pedia para se potencializar. Um luto, um protesto silencioso, assim, queria

2 - Esse subcapítulo se desdobrou no artigo “Zine objeto de artista: um percurso de criação quadrinhística entre fronteiras”, publicado no volume 14 do Dossiê Desenredos, em 2021. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/459/o/Desenredos_14.pdf



Fig. 6: "E dai?", 2020.

a menor quantidade possível de informações visuais e verbais. Decidi pela capa preta, em papel Colorplus 120g, com um espaço negro centralizado feito em estêncil com tinta spray preta e o título “E dai?” em estêncil com tinta spray branca. A folha da capa é dobrada (orelha quase do mesmo tamanho da capa), dando um aspecto mais rígido para o livro, ainda reforçado por folhas de guarda pretas, no mesmo papel da capa (Fig.6). Entendo que esses elementos dão um peso a mais para o pequeno livro – 10x14cm – numa sensação de pequena caixa: o próprio livro é a lápide.

Foi apenas ao terminá-lo que comecei a pensar o que ele era, onde se enquadraria ou não. Estava claro pelo meu impulso inicial que era uma história em quadrinhos, abstrata, conceitual, que não pode ser lida, mas sim, compreendida. Uma sobrevivência da ideia do início da investigação em um contexto que dava sentido para a forma. Assim como em “Este não é um lugar seguro” e em “Mínimos detalhes”, o objeto pulsava sentidos. Nesses casos o livro não é apenas um receptáculo de informações espaciais ou temporais, mas é o todo do objeto que faz a obra, seu interior; os desenhos das páginas, mas também sua estrutura. Sendo artesanal – impresso em impressora laser, com papel polém bold 90g, refilado e costurado (costura japonesa) artesanalmente –, múltiplo (tiragem de 150 exemplares), entendo que ele se enquadra no espaço dos zines, mas que zine era esse? A forma de seu conteúdo me dizia algo, não era apenas o conteúdo de dentro dele, na forma da leitura tradicional sequencial dos quadrinhos, nem de página após página, como todo livro convencional; ele funciona como um todo presente. Ao entendê-lo, ele está lido. A partir desses elementos percebi que ele se enquadrava tanto no campo dos zines, em específico os Artazines (ANDRAUS, 2019), e HQ, quanto também no campo das publicações de artista.

Para Paulo Silveira, muitas vezes se confundindo, o livro-objeto é anterior ao livro de artista, mas ainda assim, o primeiro está contido no segundo. O mesmo autor é quem me mostrou que “para



*Fig.7: "E dai?", 2020.
Detalhes da montagem.*

a arte, o livro-objeto é uma solução inteiramente plástica ou uma solução gráfica funcionalizada plasticamente” (SILVEIRA, 2013, p.20).

O livro-objeto, e também o livro de artista, opera na plasticidade do próprio suporte. É o suporte que se torna discurso ou presença. Edith Derdyk discorre sobre essa transformação do suporte:

No livro “funcional”, o suporte é um container isento, ausente de si mesmo, cuja forma e materialidade estão ali para agarrar, fixar e preservar memórias ou estender, alongar, projetar imaginários, diferentemente do livro de artista cujo suporte é, essencialmente, um espaço poético do “aqui do onde” e do “agora do quando”. Isso quer dizer que no livro de artista o “suporte” é a temporalidade que se atualiza a cada instante em que o livro é lido, visto, tocado, manuseado. E assim o tal “suporte” deixa de suportar depósitos gráficos para ser uma superfície extensiva, folhas “quase cinema”, um campo de aterrissagem para sinais transitivos, com alta voltagem poética. (DERDYK, 2013, p.12).

Essa “voltagem poética” não é exclusiva do livro de artista, mas é o que ele faz, produzindo com o objeto-livro essa temporalidade e espacialidade poesia em si mesmo, permitindo, por exemplo, um espaço em que o desenho, enquanto ato, seja o agente da ação, como propôs Anchieta Fernandes (2021). É característico desse tipo de livro, e ainda assim, compreendo que o zine compartilhe também dessa característica como possibilidade.

Ulisses Carrión me conta sobre uma nova arte de fazer livros; escrito nos anos 70, seu texto não define uma nomenclatura, mas já aponta para o valor do objeto livro na arte. Para ele “todo livro da nova arte busca a brancura absoluta, do mesmo modo que todo poema busca o silêncio” (CARRIÓN, 2011, p.45), e nessa busca do “livro em branco”, ou seja, do livro por ele mesmo, Carrión mostrou uma das possibilidades de ler o próprio objeto

que eu acabava de construir: “para entender e apreciar um livro da velha arte é necessário lê-lo completamente. Na nova arte você não precisa ler o livro inteiro. A leitura pode parar no momento em que se compreende a estrutura total do livro” (CARRIÓN, 2011, p.65). A clareza com que essa proposta de Carrión parecia se conectar com “E daí?” reforçou minha compreensão de que ele era um “novo livro”, um livro-objeto ou livro de artista – assim como outros trabalhos dessa investigação, construindo territórios que atravessam o citado campo das publicações de artista, dos zines e das HQs.

1.3.1 – Quadrinho-objeto e seus múltiplos sentidos

A relação dos quadrinhos com os livros de artista vem se intensificando desde a virada para esse novo milênio, em que também aumentaram as relações dos quadrinhos com as artes contemporâneas em geral. Em 2013, ocorreu a mostra “From *Bande Dessinée* to Artist’s Book: Testing the Limits of Franco-Belgian Comics”, no Center for Book Arts, Nova Iorque. Como o próprio nome denuncia, essa exposição explorou a aproximação entre os quadrinhos e a publicação de artista. A pesquisadora e curadora da mostra, Catherine Labio, aponta para as fronteiras cada vez mais diluídas em uma relação de mão dupla:

essa testagem dos limites pôs em movimento uma hibridização deliberada, uma indefinição da distinção entre histórias em quadrinhos e livros de artista que revelou as possibilidades de mudança de configuração, de ambas as formas de arte (LABIO, 2013, p.28. Trad. nossa)¹.

Ela toma como ponto de partida a falta de atenção dada ao objeto dos quadrinhos. Fixados nos elementos bidimensionais, muitos autores e críticos deixam passar a riqueza da tridimensionalidade dos quadrinhos, que está presente nos experimentos mais ousados, mas também nos formatos padrões (LABIO, 2017). Há nessas escolhas um valor, uma ideologia.

Atendo-se a essa questão, Labio vê uma série de publicações que confundem esses campos, várias delas concentradas, por exemplo, na editora Franco-belga FRMK, ao proporem trabalhar as HQs em um cruzamento com a gravura inicialmente e, assim, explorar em diferentes trabalhos os variados elementos das HQs:

um dos principais objetivos da FRMK tem sido investigar todos os aspectos da bande dessinée, desconstruí-la e ampliar seus limites. Como resultado, os autores jogaram com todos os elementos constitutivos tradicionalmente associados aos quadrinhos, incluindo a linearidade narrativa, o uso de balões de fala e a divisão da página em painel (...). Além disso, destacaram a importância de se pensar o livro como objeto de arte e adotaram uma abordagem livro a livro para combinar conteúdo e volume físico. (LABIO, 2013, p.27-28. Trad. nossa)²

Essas características desviam a atenção dos aspectos verbos-visuais bidimensionais da HQ e passam a encará-la também como um objeto em si. Percebo que, mesmo que o processo tenha se dado de maneira não calculada, “E daí?” – assim como, em outras voltagens, “Esse não é um lugar seguro”, “Mínimos detalhes” e “Narciso deslocado” – encarna essa força do objeto extensivo, que permite, como uma grande unidade, transitar conteúdos poéticos.

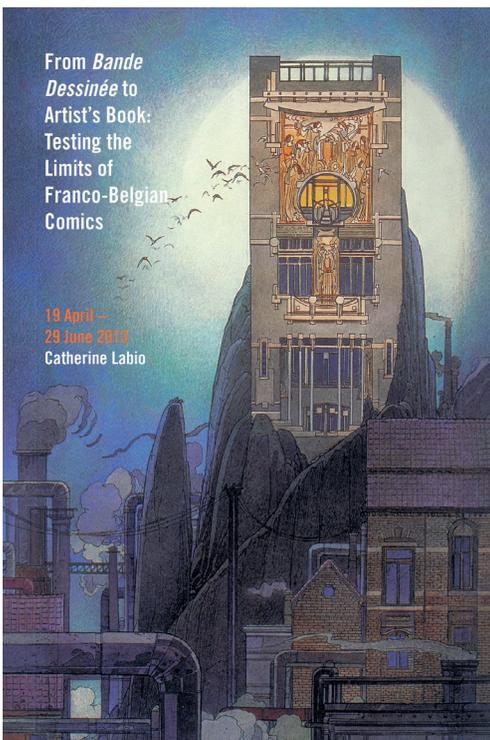
Essa abertura leva a outras possibilidades, como quadrinhos em pranchas de skate, em manequins ou mesmo performances e apresentações híbridas (dois exemplos são o grupo argentino Un Faulduo e Thierry van Hasselt com o projeto “Brutalis”). Em tal processo de valor ao objeto, e, conseqüente, de exploração das suas potências, Enrique del Rey Cabero dedica-se ao tema no livro “(Des)montando el libro: Del cómic multilínea al cómic objeto” (2021). Ele abordará as novas utilizações do código nos quadrinhos e também as interações que esses dispositivos impulsionam. Ele cria pontes entre a multilinearidade, o livro de artista, a literatura experimental e o livro infantil para articular paralelos com os novos formatos dos quadrinhos e, assim, pondera o “ocularcentrismo” das HQs, que

assumem os quadrinhos como um meio exclusivamente visual, monossensorial. Segundo essa tradição, a história em quadrinhos é um elemento imaterial e transparente, no qual não importa muito sua presença física como objeto. (CABERO, 2021, p.151) ³

O que elimina não só a dimensão tátil, mas também a dimensão háptica, e não insere o pensamento da organização estrutural do objeto para o sentido.

Por fim, para pensar esses quadrinhos ampliados, Cabero se ampara na compreensão do “sentido profundo”. Diferente do significado, o sentido profundo não se prende a um referente, mas sim a um

estado de plenitude compreensiva, uma espécie de invasão (...). Proporciona o êxtase da revelação, sem dúvida mais amplo e ambíguo, e por isso mesmo mais rico do que a satisfação intelectual proporcionada pela compreensão do significado. (CABERO, 2021, 14. Trad. nossa)⁴.



O que Cabero faz é uma defesa de outras formas de embate entre o leitor/espectador e os quadrinhos, buscando uma compreensão que ultrapassa a interpretação por significados. Sigo no mesmo caminho apresentado pelo autor, uma vez que em oposição às direções político-mercadológicas que nossas vidas têm sido arrastadas, outras formas de sensibilização – ou ressensibilização – parecem urgentes. Citando Suely Rolnik (2018), precisamos de cortes nos fluxos de vida que revelem o inconsciente-colonial-capitalístico. Da minha parte, não tenho como garantir como o leitor abordará “E daí?”, e muito menos tenho intenção de restringir as leituras e desvelamentos possíveis, mas espero que esse objeto possa de alguma maneira apresentar um vislumbre do grande abismo que vive hoje o nosso país.

Fig.8: “From Bande Dessinée to Artist’s Book: Testing the Limits of Franco-Belgian Comics”, 2013. Capa.

Fig.9: “(Des)montando el libro: Del cómic multilineal al cómic objeto”, 2021. Capa.

NOTAS

¹ . “This testing of boundaries has set in motion a deliberate hybridization, a blurring of the distinction between comic books and artist’s books that has revealed the shape-shifting possibilities of both art forms.” (LABIO, 2013, P.28)

² . “One of FRMK’s principal objectives has been to investigate all aspects of *bande dessinée*, deconstruct it, and push its boundaries. As a result, authors have played with all the constitutive elements traditionally associated with comics, including narrative linearity, the use of speech balloons, and the breakdown of the page into panel (...). In addition, they have underscored the importance of thinking of the book as an art object and adopted a book-by-book approach to matching content and physical volume (LABIO, 2013, p.27).

³ . “(...) assume que el cómic es un medio exclusivamente visual, monosensorial. Según esta tradición, el cómic es un elemento inmaterial y transparente, sin importar demasiado su presencia física como objeto.” (CABERO, 2021, p.151).

⁴ . “(...) un estado de plenitud comprensiva, una especie de invasión (...). Proporciona el éxtasis de la revelación, sin duda más amplio, más ambiguo y por ello más rico, que la satisfacción intelectual que proporciona la comprensión del significado. (CABERO, 2021, p.14).

REFERÊNCIAS

Andraus, Gazy. *Zines e Artezines: a arte das publicações paratópicas*, nos Anais do 28o Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes – ANPAP com o tema “Origens”. Goiânia: Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), 2019. ISSN: 2175-8212. Comitê CPA (Poéticas Artísticas) p.2305-2322. Link direto: Disponível em: < <https://bit.ly/3hYM8ly> >. Acesso em 10/04/2020

CABERO, Enrique del Rey. *(Des)montando el libro: Del cómic multilínea al cómic objeto*. León: Universidad de León, Servicio de Publicaciones, 2021.

CARRION, Ulisses. *Nova Arte de Fazer Livros*. Trad: Amir Brito Cador. Belo Horizonte: C/Arte, 2011.

DERDYK, Edith (org.). *Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

FERNANDES, Anchieta. *Por uma vanguarda nordestina*. Natal: Grajeiro Curió, 2021.

LABIO, Catherine. *The Inherent Three-Dimensionality of Comics*. Yale French Studies, no131/132, Bande Dessinée Thinking Outside the Boxes, 2017. p.84-100.

MBEMBE, Achilles. *Necropolítica*. São Paulo: N-1, 2018

PASSOS, E.KASTRUP, V. ESCÓSSIA, L (orgs.). *Pistas do método cartográfico: pesquisa, intervenção e produção de subjetividade*. Porto alegre: Sulina, 2009.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

SCHAMA, Simon. Arte e Calamidade. in: AXT, Gunter & SCHLER, Fernando Luis. *Fronteiras do pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SILVEIRA, Paulo. A definição do livro-objeto. In: DERDYK, Edith (org.). *Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013. p.19-34.

LISTA DE FIGURAS

Fig.01: Quadrinhos e livros teóricos sobre quadrinhos abstratos e abstração nos quadrinhos. Arquivo pessoal.

Fig.02: “Black Square”, 1915. Kazimir Malevich. Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/kazimir-malevich/black-square-1915> . Acesso: 18/02/2022.

Fig.03: Desenhos da “E daí?”, 2020. Arquivo pessoal.

Fig.04: Covas abertas em São Paulo, 2020. (Amanda Perobelli/Reuters) Disponível em: <https://exame.com/brasil/prefeitura-acelera-abertura-de-covas-em-maior-cemiterio-de-sao-paulo/> . Acesso: 25/01/2022.

Fig.05: “Série Trágica”, 1947. Flávio de Carvalho. Disponível em: <https://www.berlinbiennale.de/en/personen/2664/flvio-de-carvalho> . Acesso: 25/01/2022.

Fig.06: “E daí?”, 2020. Arquivo pessoal.

Fig.07: “E daí?”, 2020. Detalhes da montagem. Arquivo pessoal.

Fig.08: “From Bande Dessinée to Artist’s Book: Testing the Limits of Franco-Belgian Comics”, 2013. Capa. Disponível em:

<https://centerforbookarts.org/from-bande-dessinee-to-artists-book-testing-the-limits-of-franco-belgian-comics-exhibition> . Acesso: 25/01/2022.

Fig.09: “(Des)montando el libro: Del cómic multilineal al cómic objeto”, 2021. Capa. Disponível em: https://issuu.com/publiule/docs/issuu_des_montando_el_libro . Acesso: 25/01/2022.

E DAÍ?

E DAÍ?

E DAÍ?

E DAÍ?